

Imagens, dizeres e efeitos de sentido: a força material do discurso e a produção de evidências sobre o migrante nordestino

(Imágenes, dichos y efectos de sentido: la fuerza material del discurso y la producción de evidencias sobre el migrante nordestino)

Helson Flávio da Silva Sobrinho¹

¹Faculdade de Letras (Fale) – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

helsonf@gmail.com

Resumen: Este artículo, afiliado a la perspectiva del Análisis del Discurso (AD), presenta un análisis de las imágenes y dichos vehiculados en los medios televisivos sobre el nordestino (de la región noreste) que vive en la ciudad de São Paulo. El objetivo fue comprender los gestos de interpretación que reproducen evidencias sobre el sujeto-migrante. Al reflexionar sobre las cuestiones de carácter teórico y metodológico concerniente a las materialidades significantes y a las condiciones ideológicas de reproducción/transformación de la sociedad capitalista, comprendemos que los sentidos reproducidos en esos medios revelan, contradictoriamente, los intereses que están en juego: frenar la migración para São Paulo y, al mismo tiempo, ocultar las desigualdades sociales producidas por el paro estructural, como también las disparidades entre las ciudades brasileñas.

Palabras clave: discurso; materialidades; medios televisivos; migrante nordestino.

Resumo: Este artigo, filiado à perspectiva da Análise do Discurso (AD), apresenta uma análise das imagens e dizeres veiculados na mídia televisiva sobre o nordestino que vive na cidade de São Paulo. O objetivo foi compreender os gestos de interpretação que reproduzem evidências sobre o sujeito-migrante. Ao refletirmos sobre questões de caráter teórico e metodológico concernentes às materialidades significantes e às condições ideológicas de reprodução/transformação da sociedade capitalista, compreendemos que os sentidos reproduzidos na mídia revelam, contraditoriamente, os interesses em jogo: frear a migração para São Paulo e, ao mesmo tempo, ocultar as desigualdades sociais produzidas pelo desemprego estrutural, bem como as disparidades entre as cidades brasileiras.

Palavras-chave: discurso; materialidades; mídia; migrante nordestino.

Introdução

Este trabalho realiza uma reflexão sobre os sentidos atribuídos ao migrante nordestino que vive na cidade de São Paulo. Para alcançar o objetivo de compreender os gestos de interpretação que reproduzem evidências sobre o sujeito-migrante, desenvolveremos nossa reflexão em dois momentos. No primeiro, pensaremos a complexidade que envolve a materialidade discursiva enquanto materialidade significante (verbal e não-verbal) que dá corpo/forma ao discurso.¹ No segundo momento, em decorrência dessa primeira reflexão, tomaremos o *corpus* deste trabalho – o quadro “De volta para minha terra”, do SBT² – para compreender o funcionamento das materialidades discursivas na produção de sentidos sobre o migrante nordestino. Vale ressaltar que o aprofundamento da análise

¹ Ver Lagazzi (2009) e Orlandi (1995; 2001).

² Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

e a articulação teórica estarão pautados na consideração de que o discurso possui *força material* capaz de intervir no real sócio-histórico, pois essa síntese teórica e também analítica revela o discurso (e suas formas de encarnação) enquanto mediação nas práticas históricas.

Iniciar a presente reflexão falando de *força material* revela o viés da análise aqui desenvolvida. Estamos, pois, falando a partir da perspectiva da Teoria Materialista do Discurso. E dizer *materialista* significa levar em consideração a *concretude histórica* das relações sociais funcionando, constitutivamente, com as relações de sentidos e as práticas ideológicas. Tomar posição nessa perspectiva implica, também, a nosso ver, uma tomada de posição crítica diante de questões sócio-históricas da atualidade, especificamente problemáticas que se manifestam na sociabilidade capitalista, pois pressupor que o discurso tem *força material* é reafirmar que ele tem sua gênese nas relações históricas e que, também, atua sobre elas, enquanto efeito de retorno (prática) sobre o real.³

Consideramos, sobretudo, que o estudo aqui a ser apresentado sobre as imagens, dizeres e efeitos de sentidos tem sua relevância ao compreender, a partir das materialidades significantes, o funcionamento do discurso sobre o migrante nordestino, sobre os grandes centros urbanos e sobre o modo de ser da sociedade brasileira na atualidade. Trata-se, pois, de uma prática reflexiva fundamentada em um olhar teórico-analítico que compreende o funcionamento da linguagem em seu ininterrupto movimento dialético nas práticas sócio-históricas.

A(s) materialidade(s) e a formulação do discurso

O discurso é o objeto de estudo da Análise do Discurso (AD). Dizer isso parece óbvio, mas não é. Por isso, é preciso acrescentar que, quando falamos em discurso, estamos retomando sua inscrição enquanto objeto sócio-histórico, compreendido como efeitos de sentido entre interlocutores em determinadas condições sócio-históricas de reprodução/transformação das relações de produção (PÊCHEUX, 1997). Sem querer entrar na discussão de caráter polêmico sobre a existência ou não de “novos” objetos da Análise do Discurso, ressaltaremos, por ora, que para alcançar os objetivos desta pesquisa não há necessidade de “deslocamento”, mas sim de aprofundamento teórico e analítico. E, para assegurar essa tomada de posição, é necessário o retorno à teoria materialista do discurso, pois, para nós, o objeto da AD continua sendo o discurso, pensado sempre a partir do movimento contraditório de reprodução/transformação das relações de produção.

Dito isso, é importante lembrar que para produzir efeitos de sentidos nas relações sociais de reprodução/transformação, o discurso necessita tomar forma material, pois, desse modo, pode manifestar sua eficácia na ordem/desordem, continuidade/descontinuidades, estabilidade/desestabilidade, das e pelas práticas dos sujeitos em suas determinadas posições no processo sócio-histórico.

Essa materialização do discurso aponta para o campo da formulação, ou seja, para a(s) materialidade(s) discursiva(s) em sua espessura, textura, plasticidade, consistência;

³ Segundo Pêcheux, “todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço” (2002, p. 56).

pois é na formulação que se materializa/manifesta o gesto de interpretação⁴ resultante de processos históricos e ideológicos das condições de reprodução/transformação das relações de produção, já que, segundo Orlandi (2001, p. 9), “é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde) [...] Formular é dar corpo aos sentidos”.

Esse corpo/formulação/materialização/manifestação do discurso a que estamos nos referindo pode ser verbal (falada, escrita) ou não-verbal (visual, imagético, gestuais, etc.) em suas diversas formas materiais.⁵ Vale ressaltar que não há separação dicotômica quando tratamos dessas materialidades enquanto discurso, ao contrário, as diferentes materialidades são constitutivas, complementam-se e, muitas vezes, tencionam o dizer e a eficácia (ou não) de seus efeitos. Nessa perspectiva compreende-se que a materialidade do discurso não é exclusivamente linguística, pois o discurso, em seu processo, toma outras formas e substâncias para poder significar nas práticas sociais; ou seja, são formas materiais de linguagem, materialidades significantes em diferentes ordens/desordens, compondo o processo de produção de sentidos pelos sujeitos e para os sujeitos.

Já que falamos em materialidade linguística, em sua “ordem/desordem”, mencionamos a assertiva de Pêcheux ao considerar fundamental compreender que

[...] a ‘indiferença’ da língua em relação à luta de classes caracteriza a *autonomia relativa do sistema lingüístico* e que, *dissimetricamente*, o fato de que as classes não sejam ‘indiferentes’ à língua se traduz pelo fato de que *todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes*. (1997, p. 92)

A partir dessa citação inspiradora, trazemos para o presente trabalho a assertiva de que toda materialidade, em sua ordem/desordem, é apenas “relativamente indiferente” à luta de classes, ou seja, “relativamente autônoma”. Contudo, quando tomada pelo processo discursivo, movimento dinâmico e contraditório em seu funcionamento dialético, toda materialidade é afetada/constituída pelas lutas ideológicas de classes em jogo em determinada conjuntura histórica, pois “as classes não são indiferentes” às materialidades. Desse modo, a formulação, inscreve-se em uma discursividade histórica e, por isso, é sujeita a produção de equívocos, deslizamentos, derivas, falhas. Essa inscrição na história impossibilita a existência de neutralidade no funcionamento de qualquer materialidade/formulação. A materialização do discurso, ainda que tenha caráter opaco, é efetivamente constituída pela ideologia que a faz significar e, dialeticamente, interfere nos interesses em jogo da conjuntura histórica.

A nosso ver, as materialidades tornam-se significantes porque são produzidas/articuladas em processos discursivos, para, assim, produzirem sentidos constituídos pelos gestos de interpretação dos sujeitos históricos em suas diferentes posições nas práticas

4 Ao aproximar a noção de gesto e interpretação, Orlandi (2001, p. 25) está “considerando a interpretação como uma prática simbólica, uma prática discursiva que intervém no mundo, que intervém no real do sentido”.

5 Estamos entendendo forma assim como Orlandi (2001, p. 40): “Na lingüística o material lingüístico conta, enquanto forma, em sua capacidade abstrata de definir-se pelo sistema. Para a Análise de Discurso, o sistema é um sistema significante, capaz de falhas, que, para cumprir-se em seu desígnio de significar é afetado pelo real da história. É um sistema pensado no funcionamento da língua com homens falando no mundo. É nessa conjuntura teórica que proponho trabalhar a noção de forma material: acontecimento do significante (estrutura) no sujeito, no mundo”.

sociais. Segundo Orlandi (2001, p. 13), “é a formulação que se coloca como uma cesura no *continuum* da discursividade e, ao fazê-lo, se compromete com uma versão⁶ (interpretação, formação discursiva, ideologia)”.

Podemos também destacar que a escolha do tipo de materialidade enquanto produção/intervenção dos sujeitos históricos depende, inexoravelmente, das condições históricas de sua produção como, por exemplo, o acesso a determinado tipo de material, a dinâmica da própria sociedade com seus avanços técnicos e tecnológicos, que é fruto do desenvolvimento (base material) da produção de uma determinada formação social.⁷

Seguindo essa linha de reflexão, podemos dizer que toda formulação/materialização é produzida em determinadas condições de produção e, ao avançarmos um pouco mais na teoria, compreendemos que a forma material pode atualizar (ou relativamente estabilizar) sentidos, pois ela se inscreve em filiações discursivas que repetem/diferenciam, reproduzem/transformam sentidos e, na mesma medida, assume o movimento do mesmo e do diferente (paráfrase e polissemia) na processualidade histórica. Na formulação, o dizer se apresenta/manifesta, ganha corpo, forma, contorno, desenho, textura, imagem, gesto, som, luzes, cores... e, sobretudo, sentidos, melhor dizendo, produz efeitos de sentido; e, por esta ser uma produção de sujeitos, não “deixa” escapar da ideologia. Eis sua condição de existência histórica. Assim, toda materialidade discursiva é produção dos sujeitos em uma conjuntura histórica determinada pelas forças produtivas materiais e lutas ideológicas e, nessa dialética, retornam as práticas sociais, afetando-as com sua força/caráter material na produção de sentidos para e por sujeitos.⁸

Em síntese, a materialidade discursiva não pode escapar da ideologia porque é produzida/lapidada pelo sujeito, e este é desde sempre constituído pela ideologia e afetado pelo inconsciente, ou seja, trata-se de um sujeito cindido, sujeito da linguagem, da ideologia e do inconsciente. Para nós, sujeito produzido, sobretudo, no/pelo trabalho⁹, pois se trata de um ser social e histórico. Sendo assim, o sujeito, na produção material da própria vida, quando formula, utilizando a materialidade da língua e/ou outras formas materiais, pensa ter controle “total” do que diz e do que utiliza para “bem/mal” dizer (comunicar/não comunicar), mas sempre algo lhe escapa e/ou falha nesse ritual.

Diante disso, sendo a formulação a materialidade empírica (ponto de partida) para o desenvolvimento da prática da análise de discurso, uma primeira dificuldade com a qual se depara o analista é como proceder às análises das diferentes materialidades. Qual a unidade/multiplicidade de análise? Para responder a esse questionamento, pensamos

6 “A versão aqui significa: direção, espaço significante, recorte do processo discursivo, gesto de interpretação, identificação e reconhecimento do sujeito e do sentido” (ORLANDI, 2001, p. 13).

7 “Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais” (MARX, 1996, p. 52).

8 “É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados” (PÊCHEUX, 1997, p. 160).

9 Para Marx (1985), o trabalho é o que transforma o homem e a sociedade, é o ato fundante do ser social, um ser essencialmente histórico que, através da atividade fundante (trabalho), rompe com os limites fixados pela natureza e, ao responder às demandas postas pela realidade, enriquece sua própria atividade, transformando-se enquanto produtor e produto da sociedade. Cf. também (LUKÁCS, 1978).

que o gesto analítico continua exigindo que se façam recortes das diversas materialidades, ou seja, sequências discursivas, sem esquecer a ordem/desordem do discurso em seu movimento contraditório de produção de sentidos; isso quer dizer: levar em consideração suas falhas, equívocos, produção de evidências, pois, como afirma Pêcheux (2002, p. 56), “todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos”. Assim, a partir do que escreve Pêcheux, articularemos nossa reflexão sobre as materialidades discursivas aos processos discursivos que se concretizam em uma determinada conjuntura histórica.

A força material: (re)produção de evidências sobre o migrante nordestino

A Análise do Discurso trabalha na relação contraditória entre **língua, história, sujeito e ideologia** e, como vimos, se “formular é dar corpo aos sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 9), toda materialidade discursiva é uma materialidade histórica. Tendo em vista que a história resulta das práticas sociais dos sujeitos, a Análise do Discurso leva em consideração a raiz do fazer e fazer-se dos homens, pois a forma de ser dos sujeitos e a produção do discurso resultam das relações materiais determinadas que eles praticam. Isso exige desenvolver uma reflexão pressupondo a articulação do discurso e suas condições de produção, pois, como diz Pêcheux: “o sentido é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico” (1997, p. 160). Portanto, cumpre a nós, analistas, refletir sobre a imbricação da materialidade discursiva com o histórico, o social, o político e, sobretudo, com as lutas ideológicas em uma determinada conjuntura.

É por esse caminho que pretendemos ir às condições histórico-concretas da produção do discurso sobre o migrante nordestino, para compreender como ele é discursivizado na mídia televisiva. Estamos pensando a produção de sentidos no entrecruzamento entre a materialidade verbal e não-verbal, e, sobretudo, levando em consideração as determinações históricas e ideológicas que perfazem tanto o programa de televisão (“Domingo Legal”) como o movimento de migração populacional para os grandes centros urbanos do Brasil. Mediante esse cuidado teórico e analítico estamos trabalhando com a concepção de discurso enquanto prática histórica dos sujeitos em condições determinadas de produção.

Nosso ponto de partida para a análise é o quadro televisivo chamado: “De volta para minha terra”, exibido no programa de televisão “Domingo Legal”, do SBT. Nosso objetivo é compreender o funcionamento do discurso da mídia televisiva¹⁰, buscando os vestígios do entrecruzamento contraditório da ideologia na produção de sentidos e na simulação de evidências sobre o migrante nordestino.

No programa televisivo, o nordestino é apresentado como um sujeito que está vivendo em situação de desemprego e miséria na cidade de São Paulo e que, “por isso”, “deseja” “voltar para sua terra” (a região Nordeste). Esse é o efeito de evidência produzido pelo programa. Como desconfiar do óbvio é o primeiro gesto do analista de discurso, questionamos essa evidência de sentido que é produzida na mídia televisiva, perguntando:

10 Segundo Bourdieu (1997, p. 25) “A televisão convida à *dramatização*, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico”. E, para Bucci: “O telejornalismo no Brasil é muito mais dramático do que factual. Organiza-se como ficção, e uma ficção primária: tem suspense, tem lição de moral, tem mocinhos e bandidos, os ‘do bem’ e os ‘do mal’, como desenho animado de super-heróis” (2005, p. 49).

como esse discurso funciona e como ele mobiliza a memória discursiva e a reinscreve, produzindo sentidos sobre o migrante nordestino e sobre a cidade de São Paulo?

Para responder a esses questionamentos, levamos em consideração as determinações históricas e ideológicas que constituem o imaginário sobre o brasileiro, notadamente o nordestino. A memória discursiva¹¹ que circula sobre o migrante nordestino remete-o à imagem do “retirante” em busca de terra/trabalho para sobreviver. Na maioria das vezes, o discurso dominante não explica essa problemática como produção das práticas da própria formação social e histórica brasileira, mas sim como algo resultante da própria “natureza” da região Nordeste do Brasil, ou seja, assolada constante e “naturalmente” pela seca. Além disso, há uma reprodução de um discurso da estereotipia que, segundo Albuquerque Júnior, “é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras” (2006, p. 20). Ainda, conforme o autor:

O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes. (2006, p. 21)

Dito isso, cabe agora também desdobrar questionamentos sobre o mundo urbano, especificamente sobre os sentidos atribuídos à cidade de São Paulo, como a principal cidade da América Latina. Para desenvolver esse estudo, recorreremos a Ferreira (2007), que nos adverte ser a constituição de São Paulo como uma “cidade-global” “um mito”, pois:

A metrópole de São Paulo expressa hoje a marginalidade social de um país que combina o atraso com o moderno, e uma abissal diferença entre os patamares extremos de renda. Sobre uma matriz arcaica de uma sociedade que sequer se livrou de sua herança colonial, sobre a qual aplicaram-se reiteradamente modelos de ‘modernização’ que nada mais fizeram do que exacerbar o desequilíbrio social interno, tenta-se impor mais uma vez um novo modelo econômico ‘modernizador’, ideologicamente propagandeado como uma ‘entrada’ para o Primeiro Mundo, mas que na verdade representa a continuidade da imposição do capitalismo hegemônico, tanto no que tange à dependência internacional quanto à hegemonia interna exercida por nossas elites. (2007, p. 219)

Em face dessas questões, e tentando pensar a relação entre o discurso dominante estereotipado sobre o nordestino (“miserável/analfabeto/retirante”) e, também, sobre a cidade de São Paulo (“grande metrópole”/“cidade-global”), direcionaremos nossos questionamentos para o discurso midiático que faz de uma história “comovente” um “espetáculo sensacionalista”¹², pois é justamente nas materialidades significantes (formulação/corpo) produzidas pelo programa de televisão (“Domingo Legal”) que encontraremos algumas pistas capazes de revelar questões contundentes vivenciadas na sociedade capitalista, como a crise do capital, o desemprego estrutural, a miséria e a fome.

11 “Tocamos aqui um dos pontos de encontro com a questão da memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.” (PÊCHEUX, 1999, p. 52)

12 Em 11/5/2008 (Dia das Mães), o apresentador do programa “Domingo Legal” repetiu várias vezes que sua equipe estava procurando uma mãe que tivesse uma história “comovente” para ser contada no Programa e ganhar prêmios.

Passemos, agora, ao detalhamento dos recortes das materialidades discursivas. Seleccionamos, para este momento, o quadro exibido em 22 de fevereiro de 2009.¹³ Essa materialidade discursiva é composta por diferentes materiais significantes (verbal, imagético, gestual etc.). Os recortes seguiram o critério que envolvia o enquadramento da filmagem (espaço físico e pessoas) juntamente com a temática em foco naquele enquadramento da câmera. Descobrimos que o quadro, “De volta para minha terra” trazia uma ordem de repetição que expressava o seguinte processo narrativo:



- A chamada da exibição do quadro realizado pelo apresentador do programa;
- O apresentador na casa do nordestino que “deseja” “voltar para sua terra”;
- O relato da situação de vida do nordestino na cidade de São Paulo;
- O retorno (a mudança, o voo de avião e a chegada à cidade natal);



¹³ Vale ressaltar que a materialidade discursiva aqui analisada é parte do *corpus* de nossa pesquisa intitulada “Discurso, Mídia e Sociedade: vestígios do poder e da ideologia na evidência de sentidos sobre o migrante nordestino”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL, entre os anos de 2009 e 2011.



- O percurso até a casa dos familiares;
- O reencontro com os familiares;
- A “entrega” de presentes e a finalização do quadro.

Na discursividade em análise, a migrante nordestina é “falada” no discurso já a partir do palco onde se encontra o apresentador do programa¹⁴, que, através de sua fala, inscreve o dizer “sobre” a nordestina, descrevendo a situação socioeconômica: “desemprego”, “sobrevivência/sustento” de si e dos filhos por meio da “ajuda” dos vizinhos. E faz isso para justificar a seguinte afirmação: “Tudo o que ela queria era voltar”.

- (1) Ela estava desempregada, sobrevivendo com ajuda dos vizinhos para sustentar os três filhos. *Tudo o que ela queria era voltar para a cidade de Floresta Azul, lá na Bahia.* (Apresentador do Programa).

Essa formulação do discurso, em seus enquadramentos imagéticos, permite abordar os sujeitos históricos inseridos em práticas materiais que constituem sua subjetividade. Podemos constatar que o quadro televisivo tem sua significância ao apresentar esse percurso narrativo. Ao fazer isso, ele produz uma evidência de identidade e/ou não-identidade que (ex)põe o sujeito-migrante em estado de miséria. O enquadramento, em primeiro e primeiríssimo plano (sofrimento e choro), faz o sujeito telespectador também ser capturado pela evidência de sentido (o nordestino sofre porque está “longe” de “sua terra”). Mas, segundo Pêcheux, “a ‘evidência’ da identidade esconde o fato de que ela é o resultado de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem externa, não obstante, é-lhe ‘estranhamente familiar’” (1997, p. 150).

O efeito sequencial das imagens e dizeres durante o programa faz produzir sentidos fechados, que, pela sua repetição, no movimento do mesmo/outro/mesmo, manifesta a ordem/desordem do processo discursivo que inscreve significativamente, na materialidade simbólica, o sujeito no repetível (imagem do nordestino, miséria, retorno ao Nordeste). Ou, como diz Pêcheux:

“o sujeito é ‘captado’ nessa rede – ‘substantivos comuns’ e ‘nomes próprios’, efeitos ‘deslizantes’, construções sintáticas etc. –, de tal sorte que resulta como ‘causa de si mesmo’, no sentido espinozista da expressão”. (1997, p. 151)

Nesse movimento discursivo que se inicia no econômico e desliza para o “querer” “voltar” do migrante, deparamo-nos com um sujeito “captado” no processo discursivo: “quer voltar” (“por si mesmo”, mas com a “ajuda” do Programa) a “sua terra”. Assim,

14 O apresentador do programa Domingo Legal, à época, era o comunicador Augusto Liberato – conhecido como Gugu.

pelo reverso, o quadro televisivo “revela” que a cidade de São Paulo “não é terra” dos nordestinos. Essas pistas nos são dadas pelo próprio nome do quadro “De volta para minha terra”, e são também reforçadas pela música “Saudades da minha terra” (composição: Goia/Belmonte), tocada em *off* durante o programa, que ganha mais intensidade na finalização do quadro:

De que me adianta viver na cidade
Se a felicidade não me acompanhar
Adeus, paulistinha do meu coração
Lá pro meu sertão quero voltar

Por nossa senhora, meu sertão querido
Vivo arrependido por ter te deixado
Esta nova vida aqui na cidade
De tanta saudade, eu tenho chorado

Essas materialidades significantes (imagens, dizeres, música) dão pistas da posição discursivo-ideológica assumida pelo programa, pois, ao finalizar o quadro, o repórter, por sua vez, enuncia:

- (2) *Família entregue*. O objetivo do Gugu com o quadro “De volta pra minha terra” do “Domingo Legal” é proporcionar à família uma segunda chance de vida, proporcionando assim a inclusão social dessas famílias. (Repórter/entrevistador).

A expressão “família entregue”, em sua articulação discursiva, nos permite recuperar a relação entre o dizer e as condições de produção do discurso.¹⁵ Tais sentidos produzidos sobre o migrante nordestino estão se movendo nas contradições das relações sociais de uma determinada sociedade, especificamente, a sociedade capitalista brasileira; e a forma de ser desta, que tem por lógica transformar tudo em mercadorias, tem implicações fortes na constituição dos sujeitos e dos discursos. A família nordestina não é apenas levada “de volta”, mas é “entregue” como uma mercadoria.

Em nossa investigação queremos afirmar que são as práticas históricas que permitem a produção de sentidos sobre o migrante nordestino, pois sem elas o sentido seria estável e fechado, ou mesmo, não existiria. Daí o caráter processual do sentido (efeitos de sentido), implicando: movimentos, desdobramentos e transformações dos gestos de interpretação que são produzidos sobre a condição/vivência do sujeito-migrante nos grandes centros urbanos (“cidade-global”). Isso significa que para pensar a constituição do sujeito é necessário remetê-lo às lutas sociais que o constituem. É assim que nos direcionamos ao *caráter material* do sentido, sua *força material* nas práticas históricas, pois, como afirmam Marx e Engels (1998, p. 78): “as idéias da classe dominante são, em todas as épocas, as idéias dominantes; ou seja, a classe que é a *força material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (grifo nosso). Nesse ponto, é preciso sublinhar ainda que, para compreender a constituição do sujeito (migrante nordestino) e o discurso que é produzido sobre ele, é necessário não retirá-lo das relações sociais, pois este *sujeito ardente*¹⁶ não está fora delas, porquanto é, paradoxalmente, “incluído e excluído” socialmente.

15 Segundo Orlandi (2004, p. 25), “Em face da imprevisibilidade da relação dos sujeitos com os sentidos, toda formação social tem formas de controle da interpretação, mais ou menos desenvolvidas institucionalmente, que são historicamente determinadas”.

16 Retomo o enunciado de Pêcheux (1997, p. 30): “os frios espaços da semântica exalam um sujeito ardente”.

Desse modo, o discurso está sempre imbricado com os interesses e posições de classes, em que os interesses em jogo atravessam e regem os ditos e os silenciamentos. Assim, como diz Orlandi (2002, p. 14), as palavras “são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio fala por elas; elas silenciam”. Queremos dizer, também, que há na produção do discurso sobre os migrantes nordestinos modos de apagar outros sentidos possíveis, como, por exemplo, a crise do sistema capitalista com o desemprego estrutural,¹⁷ a exploração do trabalho, a propriedade privada e o cerceamento de terras, fatores estes que impulsionam a migração e mantêm a miséria e a fome. São esses silenciamentos que ficam a cargo das relações e conflitos históricos, do funcionamento da ideologia nas materialidades discursivas.

Ante o nome do quadro televisivo “De volta para minha terra”, é preciso questionar a quem interessa tal retorno (“volta/segunda chance”) e, por isso, é preciso entender que sujeitos e produção de sentidos possuem determinações da época histórica da qual fazem parte, e não são categorias abstratas e/ou naturais. Desse modo, a imagem que se tem hoje do migrante nordestino é uma construção social, e sua manifestação em discurso revela os interesses em jogo na manutenção das desigualdades sociais, bem como as disparidades entre as cidades/regiões brasileiras. Por isso, faz-se necessário tomar os *acontecimentos* como complexos de complexos, com estatuto histórico, pois tanto o discurso quanto os sujeitos deitam raízes na história.¹⁸

Retomar a questão do discurso sobre o nordestino, sobre a atuação da mídia na produção de sentidos e sobre as contradições da sociedade capitalista permite volver o olhar para os conflitos sociais e embates históricos da atualidade. Para nós, o discurso sobre esses sujeitos, trabalhadores afastados (“excluídos” e/ou “incluídos”) da produção, tidos pela mídia como sujeitos que “não deram certo” em sua “primeira chance”, ou mesmo, que “não tiveram sorte” e, por isso, “desejam” retornar a “sua terra”, possibilita compreender, nas contradições do discurso, parte das contradições da sociedade brasileira.

Considerações finais

Ao realizar uma reflexão sobre a produção de sentidos atribuídos ao migrante nordestino na cidade de São Paulo, tomamos como materialidade discursiva o quadro denominado “De volta para minha terra”, apresentado no programa de televisão “Domingo Legal”, do SBT. A análise das materialidades discursivas que deram corpo/forma ao discurso nos permitiu compreender o funcionamento da mídia televisiva na produção de sentidos sobre o migrante nordestino. Diante do *corpus* em análise, no seu entrecruzamento das materialidades verbais e não verbais, pudemos compreender como as imagens e dizeres fazem significar o migrante enquanto sujeito que está “sofrendo” distante de “sua terra” e de “seus familiares”, e que, “por isso”, (“culpado”), “quer” “voltar” para o Nordeste.

Com o aprofundamento da análise, pautada na consideração de que o discurso é práxis sócio-histórica, mediação entre os sujeitos na produção de sentidos em determinadas condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção, foi possível compreender que os sentidos produzidos no programa de televisão (“Domingo Legal”) estão se movendo nas contradições das relações sociais e que esse efeito de encaixe (palavras

17 Ver Antunes (1999).

18 Ver Silva Sobrinho (2009).

e imagens) está subordinado aos processos ideológicos. Assim, os sentidos construídos sobre o migrante nordestino revelam, contraditoriamente, os interesses em jogo (frear a migração do nordestino para a cidade de São Paulo) e ocultar as desigualdades sociais produzidas pelo desemprego estrutural, bem como manter as disparidades entre as cidades e regiões brasileiras.

O encadeamento discursivo, efetivado na mídia televisiva como efeito de encaixe (palavras e imagens e/ou vice-versa), revela um processo discursivo, inscrito nas relações históricas, que expõe a vivência do nordestino em São Paulo como um “fracasso” do próprio indivíduo, com sentimento de “culpa” e “arrependimento” por haver migrado, e é assim que o programa silencia outras possíveis interpretações sobre o real da cidade.

Por fim, podemos dizer que os sentidos (re)produzidos na mídia sobre o migrante nordestino estão se movendo nas contradições das relações sociais e que esse efeito de encaixe das materialidades está subordinado às determinações históricas e ideológicas que perfazem tanto a produção do programa de televisão quanto o movimento de migração para São Paulo e/ou o retorno (“entrega”/ “de volta”) para o Nordeste.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2006.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo, 2005.

FERREIRA, João S. Whitaker. *O mito da cidade-global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da Unesp; Salvador: Anpur, 2007.

LAGAZZI, Suzy. O recorte signifiante na memória. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, M. Cristina; MITTMANN, Solange (Orgs.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 65-78.

LUKÁCS, George. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. *Temas de Ciências Humanas*, São Paulo, v. 4, p. 1-18, 1978.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. *O Capital*. Livro I. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ORLANDI, Eni. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

_____. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. São Paulo: Pontes, 2001.

_____. Efeitos do verbal sobre o não verbal. *Rua*, Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade), Campinas, Labeurb, n. 1, p. 35-47, 1995.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo: Pontes, 2002.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

SILVA SOBRINHO, Helson. Os andaimes suspensos do discurso nos alicerces do real. In: INDUSKY, F. et al. (Orgs.) *O discurso na contemporaneidade*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 147-160.